

As perspectivas irônica e cultural em *Sociologia Goiana*, de Gilberto Mendonça Teles.

Vagna Francelina Batista¹ (IC)*; Nismária Alves David²(PQ)

1 Bolsista PBIC/UEG, Curso de Letras, Câmpus Pires do Rio. E-mail: v_francelina@hotmail.com

2 Professora Orientadora, Curso de Letras, Câmpus Pires do Rio, e POSLLI, Câmpus Cora Coralina.

Resumo: Este trabalho tem o propósito de apresentar alguns resultados obtidos pela pesquisa de Iniciação Científica, desenvolvida no período de agosto de 2016 a julho de 2017, que focalizou o livro de poemas **Sociologia Goiana**, publicado em 1982, do escritor goiano Gilberto Mendonça Teles. O objetivo central consistiu em estudar a fala poética delineada no conjunto de seus versos sociológicos goianos. A partir das análises feitas, tendo como referencial teórico Roque de Barros Laraia (2001), Lélia Parreira Duarte (2006) e Luís da Câmara Cascudo (2012), entre outros, foi possível constatar a recorrência da metalinguagem, assim como a adoção de uma postura irônica do sujeito lírico quando verte a escrita poética sobre o próprio fazer literário. Há ainda a presença marcante de referências e marcas culturais goianas, dentre as quais devemos destacar a criativa associação da ousadia do ser-poeta à figura folclórica do Saci. Enfim, foi possível compreender que os versos gilbertianos nos levam a perceber a necessidade de se conhecer a cultura, sobretudo goiana, para valorizá-la no sentido antropológico.

Palavras-chave: Poesia. Ironia. Cultura. Metalinguagem.

Introdução

Gilberto Mendonça Teles é um escritor goiano, natural da cidade Bela Vista (GO), professor emérito da PUC-RJ e da UFG, professor *Honoris Causa* da UFC e professor aposentado da UFRJ, poeta e crítico literário, possui mais de cinquenta livros publicados, sendo conhecido no meio acadêmico nacional e internacional e, inclusive, já recebeu o Prêmio Machado de Assis da ABL, em 1989, pelo conjunto de sua obra.

Este trabalho apresenta alguns resultados obtidos com o desenvolvimento da pesquisa de Iniciação Científica que analisou o livro de poemas **Sociologia Goiana**, que é um dos títulos mais significativos da produção literária de Gilberto Mendonça Teles. A pesquisa teve como o objetivo fundamental estudar a fala poética, delineada no conjunto dos poemas sociológicos goianos, em cujos versos

foi possível reconhecer o que o próprio sujeito lírico gilbertiano chama de “sestro de metalinguagem” (TELES, 2013, p. 31) que vem, acentuadamente, acompanhado das perspectivas irônica e cultural.

Material e Métodos

Para a realização da pesquisa científica, de caráter bibliográfico e analítico-interpretativo, lemos o livro de poemas **Saciologia Goiana**, de Gilberto Mendonça Teles (2013). Fizemos um levantamento bibliográfico da fortuna crítica dedicada ao referido livro do poeta. Seleccionamos alguns poemas que mais tem relações entre imagens metapoéticas e questões culturais goianas para serem analisados e interpretados. Realizamos as análises dos poemas.

Resultados e Discussão

Publicado em 1982, **Saciologia Goiana** apresenta a interessante construção imagética do poeta similar à figura folclórica do Saci. O saci (poeta) realiza travessuras, é muito inquieto e gosta de se divertir. Segundo a lenda folclórica, está nos redemoinhos de vento e pode ser capturado quando se joga uma peneira sobre os pés de vento. Também, para o estudioso Câmara Cascudo (2012), esta lenda revela a mistura cultural, pois, por exemplo, a carapuça vermelha pode ser uma herança romana, enquanto sua personalidade gozadora e zombeteira, possivelmente, seja uma influência do folclore português.

Em linhas gerais, este personagem representa, para o folclore nacional, um símbolo de liberdade exacerbada que sente prazer em fazer peraltices. Esta imagem é concretizada em versos como os citados a seguir:

Enfim, não faltará quem me provoque,
dizendo: É um Saci e tem bodoque...
Eu fico tão feliz que me comovo
e penso até em poetar de novo. (TELES, 2013, p. 31).

Juntamente com a metalinguagem e inúmeras referências culturais, o sujeito lírico expressa um olhar irônico sobre o próprio fazer poético. Assim, em toda a obra, é frequente constatarmos que o poeta provoca a Crítica Literária com

acentuada ironia, destacando seu desejo de poetar de novo, mesmo que não falte quem o julgue.

Noutros termos, nos poemas gilbertianos, o valor da poesia ganha destaque, e a metalinguagem e a cultura goiana se manifestam de modo recorrente e, até mesmo, imbricado. O poeta como anti-herói (“saci”) regressa à terra natal, Goiás, e o fazer poético juntamente com diversos aspectos culturais goianos tornam-se matéria de poesia.

A referência a esses aspectos culturais fica evidente nos versos a seguir:

Há tempos de animais e tempos de verdura,
tempo de caça grossa de mundeus e jirais,
tempos feitos de espera na flor do pequizeiro,
tempos de peixes raros riscando a correnteza,
batendo nos remansos e pesando nos casos
Dos sacos e jequitis.
(TELES, 2013, p.96)

Entre a chapada e a cidade, ou seja, entre os hábitos do sertão e os costumes urbanos, está o ser poeta e o homem que povoam as páginas gilbertianas:

Fragmento a unidade e falo do mapa de Goiás,
Fazendo a chamada das localidades principais.
Não as de maior número de habitante e produção,
Mas as que trazem no nome a poesia do sertão.
(TELES, 2013, p. 51).

Expandem-se as fronteiras metapoéticas para o mundo. Desse modo, emergem as questões culturais e históricas de Goiás: “vou-te jogando em verso, em nome, em GO” (TELES, 2013, p. 42). A construção poética das terras goianas – suas estórias, a flora, os rios, os índios – também serve à denúncia da degradação do meio ambiente. Desse modo, por trás do trabalho com as potencialidades da palavra, há um movimento que busca refletir sobre o comportamento depredatório da sociedade em relação aos bens da Natureza.

Nesse sentido, vemos a presença da ironia em Gilberto Mendonça Teles, a qual ora leva ao riso e ao lúdico, ora à reflexão tanto sobre o trabalho poético quanto sobre o comportamento do ser humano. Segundo Linda Hutcheon (2000, p. 30): “o sentido ‘irônico’ não é, assim, simplesmente o sentido não dito e o não dito nem sempre é uma simples inversão ou o oposto do dito: ele é sempre diferente — o *outro do dito* e mais que ele”.

Acerca dos ecos da ironia, Alvarce (2009) afirma: “a ironia se dá não apenas no momento em que é localizada a dissonância inerente a um discurso; ela permanece reverberando nos efeitos tão díspares que provoca naqueles que a desvendam.” (ALAVARCE, 2009, p. 56). Consoante Moisés (2004), por sua vez, a ironia é como a própria literatura: “A operação linguística exprime um sentido que somente existe como latência: assim como a metáfora, trata-se verdadeiramente de um discurso com duplo sentido, um expresso e o outro, implícito”. (MOISÉS, 2004, p. 249).

No universo literário gilbertiano, misturam-se a preocupação com a linguagem e com a cultura, numa verdadeira simbiose, como sugere o próprio título, **Sociologia Goiana**. Essa constatação nos remete ao fato de que “mesmo que a ironia, a paródia ou o riso não surtam o efeito desejado por seus primeiros criadores, o convite para desvendá-los perpetua-se e, com ele, o ensejo de ampliação da percepção crítica.” (ALAVARCE, 2009, p. 195).

Diante do exposto, abordamos a ironia romântica (ironia literária ou a ironia enquanto elemento comunicacional) em Gilberto Mendonça Teles. Segundo Duarte (2006, p.17), a ironia romântica “destrói constantemente a ilusão ficcional, exibindo o caráter de produção do texto.

Parece ser possível concluir que, ao intensificar o uso da ironia a partir do romantismo, a literatura evidencia a ambiguidade com que ilumina o “teatro” do texto, exibindo a máscara original da linguagem que, em princípio, não tem significados fixos, admitindo as mais paradoxais incongruências. A arte resultante faz denúncias e demonstra a necessidade de mudanças. Além disso, entretanto, exhibe os artifícios de sua criação e valoriza o seu receptor, alteridade com quem deseja estabelecer comunicação. (DUARTE, 2006, p. 25).

Na mitologia grega, as musas são filhas de Zeus e de Mnemósine, sendo deusas veneradas e inspiradoras de poetas. Assim, classicamente, Musa é a divindade que concedia a inspiração artística. Em especial, Calíope, a mais velha e mais sábia das musas, é representada trazendo uma pena e um rolo de pergaminho, correspondia à divindade da poesia épica. O nome Calíope, de etimologia grega, *kall* (belo) e *ops* (voz), isto é, aquela que tem uma bela voz, inspiradora dos poetas.

Conhecedor da tradição clássica, Gilberto Mendonça Teles cria sua própria Musa:

MUSA GOIANA
Eu quero a musa goiana. Amo a mulher,
que existe aí, além da minha mão.

Ela que ilumine e até me cerque
de tudo o que há de bom na solidão.

Não preciso dos bosques, nem dos rios,
nem de mitos preciso: quero a graça
daquela que me prende pelos fios
de seus cabelos negros da vidraça.

Nem olho mais os longes do horizonte
Que se perde nas sombras do planalto:
Olho a mulher goiana – forma e fonte
Das minhas confusões e sobressalto

Há muito que deitei as minhas magoas
no colo de uma iara que me inspira:
por ela eu também ando sobre as águas
e sou capaz de uns passos de catira.

Quando grito o seu nome no cerrado
quando o repito no ermo dos caminhos,
o curso das imagens não tem lado,
fazem greve de fome os passarinhos.

E, quando o escondo na linguagem, planto
uma roça de milho no meu peito:
no mais alto pendão, deixo o meu canto
como um elo perdido como um jeito.

Especial de abri-lo e pronunciá-lo,
de entrevê-lo na brisa ou num segredo
já arrumei a garupa do cavalo
e uns suspiros de amor de manhã cedo

Quero a musa da terra. Amo a melhor
que existe por aí, solteira ou não:
ela que me seduza ou então me enforque
nestes versos de rima pelo chão.
(TELES, 2013, p.).

Os versos gilbertianos desmistificam a imagem da musa clássica e exaltam a “musa goiana”, a “musa da Terra”, exploram o jogo com sons, palavras e sentidos. Com um tom irônico, Teles inova e/ou desmistifica seu fazer poético. O poeta toma sua Musa que é a própria palavra e, com ela, percorre o poema conduzindo junto o leitor.

Considerações Finais

Os versos saciológicos goianos revelam a saudade do tempo passado, a necessidade de se conhecer a cultura goiana, valorizá-la e reconhecer suas mudanças ao longo dos anos, no sentido antropológico como diria Laraia (2001). Gilberto Mendonça Teles subverte significados, conta/canta a riqueza cultural goiana

e, ao empregar a ironia, obtém a participação do leitor, tanto pelo riso quanto pela reflexão sobre o universo poético e sobre a realidade.

Agradecimentos

Agradecemos ao PBIC/UEG pela Bolsa de Iniciação Científica concedida à acadêmica no período de agosto de 2016 a julho de 2017.

Referências

ALAVARCE, Camila da Silva. A ironia e suas refrações: um estudo sobre a dissonância na paródia e no riso. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 12. ed. São Paulo: Global, 2012.

DUARTE, Lélia Parreira. Arte & manhas da ironia e do humor. In: **Ironia e humor na literatura**. Belo Horizonte: PUC Minas; São Paulo: Alameda, 2006. p. 17-50. Disponível em: <<http://www.ich.pucminas.br/posletras/pdf/Arte%20&%20Manhas%20revisado.pdf>>

HUTCHEON, Linda. **Teoria e política da ironia**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. (Antropologia social).

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.

TELES, Gilberto Mendonça. **Sociologia Goiana**. 7. ed. Goiânia: Kelps, 2013.